

Como tornar mais real uma existência em tempos (pós)pandêmicos?¹

Isabella Silva de ALMEIDA²
João Batista FERREIRA³
Yara Maria de CARVALHO⁴

Resumo

Este ensaio traz reflexões relativas aos processos formativos no contexto acadêmico a partir de efeitos de três experiências que produzimos no entremeio dos tempos pandêmicos. Experiências-pensamentos que no cenário da sala de aula e na relação de orientação de uma tese nos atravessaram e nos convocaram no sentido de responder à questão que nos tem rondado: *como tornar mais real uma existência?* Registramos aqui os inesperados e as múltiplas invenções; identificamos *gestos* - mínimos e vitais; e experimentamos a condição de "intercessor" (as). Desdobramos o pensar sobre o que pensamos (entendendo o pensamento como ato de criação) e reiteramos a necessidade de promovermos a co presença das diferenças, a leitura dos processos formativos como afirmação do direito aos modos singulares e plurais de existência...

Palavras-chave: Saúde Coletiva; Políticas de Formação; Intercessores; Pesquisa em Saúde.

¹ A tese – Cuidados e Existências: entre mínimos e reais em um CAPS AD (Almeida, 2021) que traz contrapontos ao artigo contou com o financiamento da CAPES.

² Terapeuta Ocupacional, Doutora em Ciências (FSP/USP). Universidade de São Paulo. ORCID: 0000-0003-0929-8299
E-mail: isa.almeida@alumni.usp.br

³ Psicólogo, Doutor em Psicologia Social (UnB). Professor associado e pesquisador de pós-graduação em psicologia e graduação em psicologia da UFRJ. ORCID: 0000-0002-7723-744X
E-mail: jbf@ufrj.br

⁴ Livre-docente em Promoção da Saúde (FSP/USP), Doutora em Saúde Coletiva (Unicamp) Professora Associada e pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física e no Mestrado Profissional “Formação Interdisciplinar em Saúde” na USP. ORCID: 0000-0001-8926-355X
E-mail: yaramc@usp.br

How to make an existence more real in (post)pandemic times?

*Isabella Silva de ALMEIDA
João Batista FERREIRA
Yara Maria de CARVALHO*

Abstract

This essay brings formative processes reflections in the academic context from the effects of three experiences that we have produced in-between this pandemic times. Thought-experiences that, in the classroom setting and in the orientation relationship of a thesis, have transverse us and summoned us in the sense of answering the question: *how to make an existence more real?* We have registered here the unexpected and the multiple inventions; we have identified gestures - minimal and vital; and we have experienced the "intercessor" condition. We have unfolded the thinking about what we think (understanding thinking as a creation act) and we reiterated the need to promote the co-presence of differences, and reading about formative processes as an affirmation of the rights to the singular and plural modes of existence.

Keywords: Public Health; Education Policies; Intercessors; Health Research.

¿Cómo hacer más real una existencia en tiempos de (post)pandemia?

*Isabella Silva de ALMEIDA
João Batista FERREIRA
Yara Maria de CARVALHO*

Resumen

Este ensayo trae reflexiones sobre los procesos formativos en el contexto académico a partir de los efectos de tres experiencias que producimos en medio de tiempos de pandemia. Pensamientos-experiencias que, en el escenario de las clases y en la relación de orientación de una tesis, nos atravesaron y convocaron para el sentido de responder a la pregunta que nos ha estado rondando: ¿Cómo hacer más real una existencia? Inscibimos aquí lo inesperado y las múltiples invenciones; identificamos gestos - mínimos y vitales; y experimentamos la condición de "intercesor" (as). Desplegamos pensar en lo que pensamos (entendiendo el pensamiento como un acto de creación) y reiteramos la necesidad de promover la copresencia de las diferencias, la lectura de los procesos formativos como afirmación del derecho a modos de existencia singulares y plurales...

Palabras clave: Salud Pública; Políticas de Formación; Intercesores; Investigación en Salud.

Primeiros Gestos...

Trataremos aqui de gestos de formação, de forma-ação, de formas de ação no campo da saúde coletiva em diálogo e composição entre diferentes subáreas da saúde - terapia ocupacional, psicologia e educação física -, sendo conduzidos pela discussão relativa às políticas de formação, especialmente no cenário universitário-acadêmico. Neste ensaio apresentaremos três experiências formativas: a do Núcleo *Trabalho Vivo* de uma Universidade Federal brasileira, a de um Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPS AD) em São Paulo e a da relação de orientação - na condição de intercessoras - entre duas das autoras.

Partiremos de uma questão que tem rondado nossos grupos de pesquisa e trabalho: *como tornar mais real uma existência?* Mais real no sentido de existências que podem ganhar mais estrutura, força, extensão, consistência, presença, singularidade, confiança; o que só é possível com a afirmação e garantias de direitos de vida dignos, como ato ético-político que configura uma *arte da existir* (LAPOUJADE, 2017). Mas também pensando nos processos criativos, ou nos nossos modos de produção de pensamento: pensar como pensamos a respeito do que tornamos mais real, sejam efeitos das nossas relações com os outros, sejam efeitos dos nossos próprios processos e artes de existir.

De um lado, afirmar a vida digna é o problema de maior dimensão ético-política. Problema agravado com as crises da COVID-19, que evidenciaram ainda mais as desigualdades brutais do mundo contemporâneo. Crises que tornaram mais visíveis as racionalidades dogmáticas, instrumentais e sem limites da máquina do mundo neoliberal. E que se somam aos retrocessos da ascensão do reacionarismo (como o negacionismo das vacinas e outras medidas sanitárias, por exemplo).

Situações que tornam ainda mais urgentes as mobilizações e lutas pela vida digna. Imperativo ético-político que convoca ações de resistência, transformação e formação que possibilitem composições com movimentos antirracistas, feministas, movimentos contra as discriminações de classe, da população LGBTQIAP+ e dos povos originários. Lutas que têm uma dimensão originária comum, que se expressa na frase-manifesto de Kenneth Rexroth (2001, p. 496): “contra as ruínas do mundo, uma única defesa: o ato de criação”.

De outro, lembrar que o pensar, aqui, no sentido do pensamento como processo de criação, tem sido esquecido nos processos formativos. A dimensão cognitiva, ou mental dos processos relacionados ao ensino-aprendizagem não consideram o pensar, propriamente dito, à medida que o

ALMEIDA; FERREIRA; CARVALHO.

foco é, de modo geral, o “objeto” que está sendo observado, pouco dos efeitos desencadeados pelo observador atento e em relação com o objeto. Separamos observador e “objeto” observado. E os “objetos” parecem ser mais interessantes nos processos de formação. A razão pela qual os diferentes “objetos” nos parece tão inacessíveis, alegóricos, ou enigmáticos é que nessa racionalidade mecânica e reduzida não somos parte do seu devir, do seu acontecer. Suas existências estão apartadas das nossas.

Agamben (2005) desenvolve a ideia da potência do pensamento que também nos inspira aqui. Para o filósofo, o pensamento do pensamento é o atributo da potência nela mesma. Nesse sentido, a experiência da potência implica na indistinção entre vida orgânica e animal, entre vida biológica e contemplativa, entre sem vida e vida da mente. Uma vida sem conhecimento corresponde a um pensamento desconectado da dimensão cognitiva e de qualquer intencionalidade.

No entanto, quando nos sentimos afetados por algo, podemos acessar a dimensão da nossa relação com o “objeto”. Para observar nosso pensar, portanto, temos que fazê-lo existir. E esse exercício é fascinante porque o pensar como “objeto” a ser observado é qualitativamente idêntico à atividade do pensamento, logo... permanecemos no mesmo elemento e há uma afinidade natural entre pensar e pensamento. Tudo se entrelaça.

Observar o pensar é observar o que engendramos. Nesse sentido, o pensar não nos é estranho, ele é intrínseco a nós (ESPINOSA, 2007). Enquanto sentimos e percebemos somos singulares. Entretanto, a percepção é parte da realidade. O conceito é a outra parte. O ato cognitivo é o encontro deles. Quando pensamos articulamos o que observamos e sentimos. Sabemos e sentimos como acontece o pensar em nós. Desvendamos as conexões e relações que nos constituem e, assim, podemos nos situar e acomodar para compreender e fazer existir outras coisas, outras vidas. Precisamos conhecer o que está fora de nós por meio do pensar. Formular perguntas. O conceito se manifesta no contato com todos os corpos.

Nosso trio reflexivo se constitui a partir do interesse comum em partilharmos algumas experiências⁵ acontecidas ao longo desse tempo pandêmico pelo qual ainda estamos atravessados, abalados, sobrevivendo e pensando e dar a ver o processo cognitivo que sustenta o pensar criativo, mostrando os movimentos - orgânicos e inorgânicos - que fomos inventando ao longo desses últimos meses nas diferentes dimensões formativas. No entanto, para que esse desafio por nós mesmos

⁵ Partiremos da noção de experiência trabalhada por Bondia (2002), ou seja, “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 21) (...) uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’ (p. 28). Para tanto, nos dispusemos a pairar, a parar para pensar, olhar e escutar o que nos atravessou, o que nos propôs a pensar. Nos dispomos, enquanto sujeitos da experiência, a partilhar nossas percepções, reflexões e pensares sobre o pensar.

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos? colocado de escrever de modo compartilhado e, por vezes, imbricado, foi necessário criarmos modos ainda pouco explorados de compor - ideias e experiências - no sentido de produzir conhecimento a respeito do que vivemos, também nos “bastidores”, no cotidiano do trabalho acadêmico.

Do ponto de vista da forma, fizemos uma escrita híbrida, algumas vezes usando o “nós”, outras o “eu”. É um exercício que nos convida a nos deslocarmos para as singularidades e diversidades do que produzimos e criamos com o pensamento e com nossas ações. Nesse sentido, especialmente na relação orientadora-orientanda, experimentamos a condição de “intercessoras” uma da outra, à medida que o nosso pensar, o nosso diálogo, e o nosso escrever a respeito do que ia nos passando com a pesquisa não foram movimentos totalmente solitários. “Intercessores” são os que fazem nosso texto (no caso aqui) acontecer...

Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas – mas também coisas, plantas, até animais [...] fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmos quando isso não se vê (DELEUZE, 1992, p. 156).

Nós, Isabella e Yara, fomos intercessoras uma da outra... de um modo especial. Enquanto escrevíamos este ensaio (nas suas diferentes versões) partilhávamos os acontecimentos, as narrativas, os achados, as ideias, os autores que nos inspiravam e os modos de escrita, propriamente dita. Entrávamos nas ondas e nos fluxos dos nossos pensamentos e das escritas e, assim, desencadeamos um modo de seguirmos juntas... inspiradas no que já havíamos vivido e construído ao longo do processo da pesquisa no CAPS AD e, sobretudo, da formação no doutorado.

Das experiências...

Num primeiro momento, partilhamos as experiências da escrita de cartas coletivas na disciplina de graduação *Clarice: figuras da escrita e da clínica*, realizada no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre julho e novembro de 2021. Em seguida, compartilhamos a experiência e o pensar sobre a constituição de uma efetiva parceria, conhecida como “orientação” nos meios acadêmicos, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, a partir do processo de feitura da tese

intitulada - Cuidados e existências: entre mínimos e reais em um CAPS AD (Almeida, 2021), uma autoetnografia do trabalho e da produção de cuidado em saúde mental, álcool e outras drogas. A partir das experiências, traçamos linhas que ressoam e produzem reflexões relacionadas sobre modos de pensar a questão disparadora deste artigo, que se desdobram para a produção do pensamento como ato de criação.

Rio de Janeiro: uma cartografia dos gestos vitais

Os tempos (pós)pandêmicos resgatam velhas questões que, de certo modo, haviam sido abandonadas e mais do que nunca persistem, e demandam novos problemas para os processos de formação. O que é “formar” nesses novos contextos produzidos com (e após) a pandemia? Como formar psicólogas/os com encontros reduzidos às janelinhas e vozes intermitentes do zoom? Como pensar a(s) formação(ões) em psicologia na era (pós)pandêmica? Como pensar as formações com a reconfiguração da pluralidade das forças correlatas que as definem? Como legitimá-las sem problematizar as expropriações de direitos da maior parte da população brasileira ainda mais excluída com a crise pandêmica? Perguntas incontornáveis. Difíceis.

Os processos de formação são relacionais, dinâmicos e existenciais situados em determinados espaços e tempos. Escapam às generalidades. São composições que nascem nos encontros com o inesperado, com as fissuras e solvências das normatividades que buscam capturar os movimentos vitais. São *errâncias normativas*, produções de normatividades vivas (CANGUILHEM, 2009) que criam circuitos abertos de experiências e sentidos.

As experiências do inesperado, das angústias e pavores (pós)pandêmicos produzem emergências, necessidades e efeitos (como perda de vínculos, esgotamento, depressão) que demandam o acolhimento dessas afetações e seus desdobramentos nos espaços formativos. Demandam aberturas para compartilhar as (im)possibilidades de cada existência e as situações de saúde e adoecimentos (“aquilo que poderiam ser se...”). Demandam as forças problemáticas da “aparição de novas possibilidades, ditadas por alguns fragmentos apenas esboçados” (LAPOUJADE, 2017, p. 37).

Nos quase dois anos de aulas remotas na graduação e na pós-graduação em psicologia da UFRJ, foram frequentes as conversas sobre tais (im)possibilidades relacionadas aos enfrentamentos das situações produzidas pela pandemia (agravadas pelo negacionismo reacionário) e às resistências (menores e maiores) às adversidades decorrentes dessa conjugação mortífera. Conversas que

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos? atravessaram as atividades de ensino, pesquisa e extensão do Núcleo Trabalho Vivo, vinculado ao curso de graduação e ao programa de pós-graduação em psicologia da UFRJ. Destacou-se a necessidade da atenção ainda maior às forças, gestos e ações intensificadoras de existências: a urgência do imperativo ético da atenção aos processos de criação de formas de vida singulares, plurais, coletivas. Tais percepções reforçaram as proposições e atividades do grupo, como o projeto: *O ato de criação como operador ético-político dos direitos de existência: ressonâncias com práticas artísticas, clínicas e do trabalho*. Proposições entendidas aqui, com base em Stengers (2018) e Lapoujade (2017)⁶, como experimentações sensíveis que possibilitam instaurar, fazer pensar e agir em determinados campos problemáticos. Com esta perspectiva, enfatizamos a instauração de intensificadores da existência. Neste percurso (com base em temas, práticas e interesses de pesquisa do grupo), nos detivemos nos processos de formação potencializados pela criação literária, a escrita e a clínica.

A escrita literária é entendida como “processo, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 2011, p. 14)⁷. Nessa travessia, as passagens de vida da literatura são tomadas como *técnica de cuidado com a alma* (TODOROV, 2009), entendimento que convoca articulações entre as noções de *técnica, cuidado e alma*. A *técnica* pensada aqui como modo singular-plural de fazer: como arte da criação, como *poética*. O *cuidado* como atenção sensível à vida que busca articular as exigências do mundo e os próprios desejos. A *alma* como *anima*, sopro e princípio de vida, experiência que intensifica a existência e a torna *mais real*. As experiências com a literatura (escrita e leitura) são, assim, *poéticas da atenção às formas de vida, poéticas da criação de sentidos vitais* (FERREIRA, 2021a).

⁶ Na linha de Stengers (2018, p. 443): “Como apresentar uma proposição cujo desafio não é o de dizer o que ela é, nem de dizer o que ela deve ser, mas de fazer pensar; e que não requer outra verificação senão esta: a forma como ela (...) cria a ocasião de uma sensibilidade um pouco diferente no que concerne aos problemas e situações que nos mobilizam? (...) Ela [a proposição] apenas adquire sentido nas situações concretas, lá onde trabalham os praticantes; e ela requer praticantes (...) – e isso é um problema político”. E no sentido apontado por Lapoujade (2017, p. 39-40): “Cada esforço criador, cada investida é como uma proposição de existência (...). Proposições de palavras, cores, linhas ou espaços, enquadramentos e formas: a cada vez trata-se de uma possibilidade (...)”.

⁷ “Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria viva. A literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento (...). Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivida ou vivível. Escrever é um processo, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 2011, p. 11).

Cartas para Clarice Lispector

Entre as atividades e as pesquisas relacionadas aos projetos sobre *o ato de criação*, a criação literária e as práticas clínicas realizadas pelo grupo⁸, foi proposta a disciplina de graduação *Clarice Lispector: figuras da escrita e da clínica*, sintetizada na ementa:

Contra as ruínas do mundo, uma única defesa: o “ato de criação”: a atualidade do manifesto poético de Kenneth Rexroth é um convite para retomarmos as potências da escrita de Clarice Lispector, com a discussão do ato de criação como sopro maior de vida que - muito além da literatura - se torna operador ético-político e clínico da afirmação do direito às formas dignas de vida. Com base nos romances *Água Viva*, *A Hora da Estrela* e contos (como *Mineirinho*) e da filosofia da criação (Deleuze, Souriau, Lapoujade) são propostos estudos e pequenas oficinas clínico-poéticas, com experimentações escritas sobre modos sensíveis de atenção às forças (im)produtivas dos sentidos do real. Abordaremos ressonâncias das poéticas da criação literária e da clínica com experiências do inesperado, da atenção às formas de vida e da arte de existir, com ênfase nas resistências, desvios das capturas e reconfigurações das normatividades adoecedoras e de expropriação que possibilitem gestos, movimentos vitais, instantes e situações de saúde existencial - entendida como a instauração, sempre provisória, de modos de existência ética, política e esteticamente referenciados⁹.

Para a atividade de avaliação do curso, convidamos as pessoas da turma para escrever cartas dirigidas a Clarice Lispector¹⁰. Cartas abordando temas e experiências disparadas pelo curso: afetos, inquietações, pensamentos, situações com a atmosfera dos tempos pandêmicos e negacionistas; elaboradas em grupos de até cinco pessoas. Oito grupos se formaram e cada grupo escreveu duas cartas. Algumas cartas foram escritas na primeira pessoa do plural: outras, foram composições de escritos em primeira pessoa. As primeiras cartas foram lidas em aula na metade do curso; as seguintes, na última aula. Os trabalhos realizados serão publicados em forma de livro.

Entre os temas que atravessaram as escritas: a perda de contato com as pessoas (próximas e distantes); a suspensão das atividades; os confinamentos; o agravamento das desigualdades com a pandemia; as buscas, experiências, movimentos e gestos (menores e maiores) que procuravam tornar as existências mais reais (ainda que por breves instantes). As cartas delinearam um pequeno

⁸ Atendimento clínicos realizados por integrantes do Núcleo Trabalho Vivo - Pesquisas e Intervenções em Arte, Trabalho, Clínica, Ações Coletivas e Clínicas. As práticas clínicas integram estágios curriculares de atendimento à comunidade na clínica-escola da Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) e o Projeto de Extensão Clínica das Emergências, realizado com a população da favela da Babilônia, da cidade do Rio de Janeiro, com a participação de graduandos de psicologia (nos atendimentos), e de doutorandas/os e mestrandas/os nas supervisões clínicas coordenadas pelo professor orientador.

⁹ Agradecimentos especiais pelos trabalhos de criação às pessoas da turma e da curadoria da disciplina: Júlia Vasconcelos (tutora), Isabela Pessoa e Carolina Ferreira (monitoras), Nicolas Pustilnick (monitor) e João Ferreira (professor).

¹⁰ A atividade proposta foi inspirada nas *Cartas a Spinoza*, escritas por Nise da Silveira (1995).

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos?
inventário desses movimentos: uma breve *cartografia dos gestos vitais*, na proposição de Massumi
(2017):

Todas as ações e sensações são gestos vitais. Até mesmo o mais antivital dos gestos borbulha de vida em algum nível. Uma cartografia dos gestos vitais registra essas borbulhas. Desce ao nível das microfissuras para intuir qual o potencial de singularização que elas anunciam. Isso só pode ser uma cartografia vivida fazendo com que o tema seja de novo formativo — infectável de uma maneira inventiva, vitalmente improvável (p. 152).

Na cartografia aqui apresentada esboçamos ressonâncias com intensificadores e processos que se tornassem formativos de um outro modo; sem situar contornos prévios do que seria o “formativo”, mas na busca de aberturas sensíveis para *o potencial de singularização dos improvisos e gestos vitais com possibilidades de propagação por meio de infecções inventivas*. Entre os intensificadores desses gestos, destaca-se a composição das potências da experiência com a leitura de literatura com a experiência da expressão escrita por meio de cartas.

Uma presença se fez muito importante na articulação desses campos experienciais: a personagem Macabéa, de *A hora da estrela*. Publicado em 1977, o romance conta “as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela”; uma mulher de “delicada e vaga existência (...) que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia (...)” (LISPECTOR, 2017, p. 58).

De modo esquemático, o romance pode ser lido como jogo de planos e de espelhos narrativos, com três dimensões indissociáveis. O primeiro plano é o da escritora Clarice - explicitado logo no início na "Dedicatória do autor (na verdade Clarice Lispector)", na qual a história é dedicada "a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas" (p. 52). Macabéa se fez presença para Clarice como experiência do inesperado que conduziu àquela narrativa "em estado de emergência e de calamidade pública" (p. 52). O segundo plano é o de Rodrigo S. M. - o narrador-personagem que problematiza as noções de autoria e ato de criação; como, por exemplo, a impossibilidade de um integrante da classe média escrever sobre uma mulher expropriada do direito de existir em determinado mundo (pequeno burguês); o terceiro plano é o de Macabéa - a protagonista; figura paradigmática que condensa exclusões de classe, gênero e região; e, por outra via, encarna a personagem conceitual da idiota diante agruras de viver numa sociedade instrumental e patriarcal¹¹.

¹¹ Acompanhamos Stengers (2018, p. 445) nesta compreensão da personagem conceitual: “Mas o idiota de Deleuze, que ele tomou de empréstimo de Dostoievski para dele fazer uma personagem conceitual, é aquele que sempre desacelera os

ALMEIDA; FERREIRA; CARVALHO.

Na crônica *Literatura e justiça*, Clarice diz: “Desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim” (LISPECTOR, 2018, p. 696); espantada e indignada que isso não fosse óbvio para outras pessoas. Em *A hora da estrela*, o encontro com a jovem nordestina em meio à multidão desperta ainda mais em Clarice a crítica à banalização da injustiça social. O romance investiga as forças sociais mais amplas que constituem Macabéa. Busca ressonâncias com questões históricas e sociais graves ainda mais presentes nos tempos de exclusões (pós)pandêmicas. Vemos isso no fragmento de uma das cartas lidas em aula.

A leitura de “A Hora da Estrela” me conduziu, em alguns momentos, a um estado triste. Sim, triste! Triste pela autopercepção de fragmentos da Macabéa na minha existência, assim como uma sensação de que parte do conglomerado de cada indivíduo, com suas sínteses históricas e sociais, possui partículas da personagem. A maneira pela qual o narrador a descreve, atribuindo-a uma certa incompetência generalizada, evocou em mim questionamentos em relação a tantas vezes que eu, uma mulher, tomei posse deste lugar e condicionei a minha existência aos discursos de uma sociedade patriarcal (Fragmento da Carta 1 - Grupo 2).

O livro é a história secreta de um grito que tenta escapar do silêncio.¹² É todo ele um grito. “Porque há o direito ao grito. / Então eu grito. / Grito puro e sem pedir esmolas” (p. 57). Grito de quem se viu forçada a escrever: “é minha obrigação contar sobre esta moça entre milhares delas. É dever meu (...)” (p. 57). Qual dever? Qual responsabilidade? Vemos aqui uma “questão política por excelência: quem pode falar de que, fazer-se o porta-voz de que, representar o quê?” (STENGERS, 2018, p. 445). Quem seria a pessoa digna de escrever sobre Macabéa? Clarice seria? Nascida na Ucrânia - numa família judaica russa obrigada a fugir com a perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa - tornou-se uma refugiada no Brasil. Clarice: uma mulher branca, vida confortável, privilégios da classe média. Quais as implicações dessa pergunta (quem pode escrever sobre Macabéa?) para os modos de pesquisar, clinicar, existir que atravessam os processos de formação? O próximo fragmento dá sinais neste sentido.

A visceralidade da estória-história de Macabéa nos dilacerou, ou como Rodrigo narra em *A hora da estrela*, nos dilacera, pois tudo é presente. Enquanto futuros profissionais da área da Psicologia, e, enquanto (alguns) estagiários que já atendem,

outros, aquele que resiste à maneira como a situação é apresentada, cujas urgências mobilizam o pensamento ou a ação. E resiste não porque a apresentação seja falsa, não porque as urgências sejam mentirosas, mas porque ‘há algo de mais importante’. Que não lhe perguntemos o quê. O idiota não responderá, ele não discutirá. O idiota faz presença, ou, como diria Whitehead³, ele coloca um interstício. Não se trata de interrogá-lo: ‘o que é mais importante?’. ‘Ele não sabe.’ Mas sua eficácia não está em desfazer os fundamentos dos saberes, em criar uma noite onde todos os gatos são pardos”.

¹² Além do título *A hora da estrela*, compõem os treze títulos do romance: *O direito ao grito* e *Ela não sabe gritar*.

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos? ao lermos suas palavras, muito identificamos os saberes e não saberes da profissão que escolhemos por paixão. “Os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona.” (p. 32). (Fragmento da Carta 1 - Grupo 5).

A partir de um incômodo encontro, numa rua do Rio de Janeiro, no qual Clarice pegou “no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (p. 57)¹³, como não escrever sobre Macabéa? Instante que produziu outra forma de sensibilidade. Instante de um acontecimento em que ouviu um sussurro entre os fatos da injustiça social? Se pesquisar é pesquisar-se, escrever sobre Macabéa era também escrever-se: “para ser mais do que eu (...)” (p. 65). Escrever-se com Macabéa: “através dela por entre espantos meus” (p. 67).

O horror, a dor e a indignação tão fortes que nos fazem sentir isolados agora podem ser ditos e compartilhados. Claro, o mistério permanece, nem tudo é passível de ser dito, e que bom. Assim permanece também o encanto. Mas não deixo de agradecer a você, Clarice, por invocar esse campo do comum. (...) Ao fazer esse belo e imenso esforço de dizer o indizível - ou pelo menos, quando realmente não é possível dizê-lo, apontá-lo e contorná-lo -, você não faz isso só para você, mas por todos nós. Ao nomear, algo se torna acessível, maleável, compartilhável. Você coloca as coisas mais difíceis do mundo no campo do comum, do coletivo (Fragmentos da Carta 2 - Grupo 5).

Na via política da escrita literária, reencontramos Deleuze (2011): “Não se escreve com as próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação coletiva de um povo por vir” (p.14). Nesta via, a literatura é um dispositivo para intensificar modos de existência e de legitimação que demandam posições e responsabilidades éticas. Como vemos neste fragmento:

A morte nos cerca, Clarice, e está longamente nos acompanhando, tal como acompanhou Macabéa estirada em um chão frio de concreto. Alguns estão a operar necropoliticamente, outros, entretanto, estão nesse chão lutando por manter seus olhos abertos, operando então numa dimensão de escape dessas “desposseções”, num movimento de saúde existencial, transmodal, transdutor, borboleta. Capturar esses movimentos, perceber e validar os olhos em luta por vida, identificar os sentidos das forças operantes para se necessitar um “escape” creio ser agir para “tornar real” “as existências mais frágeis, próximas do nada”, as virtualidades (Fragmento da Carta 1 - Grupo 2).

Macabéa: a delicada e vaga existência de ser quase invisível, mínima existência social, despossuída do direito de existir, no limite da exclusão absoluta do mundo, parte da massa anônima que alimenta as engrenagens da sociedade de relações abusivas com as minorias. Ainda assim, e por

¹³ “Falta o povo quer dizer que essa afinidade fundamental entre a obra de arte e um povo que ainda não existe nunca será clara. Não existe obra de arte que não faça apelo a um povo que ainda não existe” (Deleuze, 2016, p. 339).

ALMEIDA; FERREIRA; CARVALHO.

isso mesmo, não consegue se adequar às maquinarias do mundo. Sem saber como, na inocência dos seus gestos, aquém e para além dela mesma, borbulham sopros vitais infiltrados nas microfissuras dessas engrenagens mortíferas. Incapaz de compreender as lógicas sociais naturalizadas da exclusão, Macabéa encarna uma força de vida primordial, um potencial de singularização que estranha os destinos do mundo. “Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira” (...) “num limbo impessoal” (idem, p. 67). E, ao mesmo tempo, “por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma” (p. 76). Macabéa resiste às habitualidades da máquina do mundo capitalista. Por outro lado, ela sabe, com o corpo todo, intuitivamente que *há algo de mais importante*. Como vemos neste fragmento.

Não sabemos olhar para o outro, encontrar a dor do outro. Inventamos de viver acreditando na meritocracia. A meritocracia culparia a Macabéa por ter vida tão dura e precisar se reinventar. Trataria também de desvalorizar a sua densidade humana (isso não é produtivo) e já não sabemos se são os tempos mortíferos, feitos de exclusão, de retrocessos, de narcisismos loucos, ou se fomos nós mesmos, no nosso processo desumanizador... que nos trouxe aqui (Fragmento da Carta 2 - Grupo 4).

Os fragmentos dessa breve cartografia de gestos vitais têm ressonâncias com os processos clínicos. A clínica entendida como dispositivo para intensificar a atenção às formas e forças de reconfiguração dos modos de existência que, numa perspectiva mais ampla, são correlatas das lutas (objetivas-subjetivas) contra as desigualdades, exclusões e discriminações. Nesta linha, a construção de sentidos da realidade demanda os ziguezagues da criação (imanescentes aos atos de criação e desvios clínicos). Como nos fragmentos a seguir, agora voltados para o romance *Água viva*:

A clínica nos faz desaguar em novos caminhos, que por vezes escorrem entre os dedos, nos inunda, ou desidrata, resseca ou encharca, mas sempre nos retorna a vida, nem que seja só até o próximo instante, nos mantendo ‘gente’, que procura nada mais do que si mesmo, esse bom encontro, que ao mesmo tempo que é único é tão plural quanto a água que vive dentro e fora de gente como nós, que lê e relê sua obra, se surpreendendo sempre com tanta ideia, sensação, sentimento, gentileza, acaba se sentido gente de novo, gente de carne e osso, que também sente, assim como a gente se sentiu lendo o bailar de suas letras, expressando cada uma com suas linhas, compondo esse texto (...) (Fragmento da Carta 2 - Grupo 9).

Em uma aula sobre você, comentou-se que "o espaço da clínica é um espaço para não dar conta juntos". Essa frase me atingiu em cheio em meio ao meu embotamento. Essa é também sua escrita, Clarice, um espaço pra não darmos conta juntas. Para fazermos perguntas sem resposta juntas. Para darmos as mãos e encararmos juntas o horror do mundo, a injustiça, a sujeira, o sem sentido. Mas não só o sem sentido ruim, frustrante, doloroso, mas também o sem sentido do mistério, do encantamento, a enormidade do mundo que nos causa vertigem e espanto” (Fragmento da Carta 2 - Grupo 5).

Os desvios-aproximações clínicas demandam contraposições críticas à produção de sentidos fechados. São desvios-aproximações das/os agentes/pacientes buscando errâncias normativas (de natureza micropolítica) que podem alcançar dimensões sociais mais amplas (FERREIRA, 2021b). Errâncias com as quais as pessoas em situação de despossessão possam reescrever suas “histórias, suas cores e seus cantos de vida” (DELEUZE, 2011, p. 08).

Uma das leituras marcantes do curso foi o pequeno manifesto poético de Matilde Campilho – “a poesia, a música, uma pintura não salvam o mundo. Mas salvam o minuto. Isso é suficiente. A gente está aqui para dançar um pouquinho sobre os escombros. Não deixar que a poeira dê alergia nos olhos. Cada um faz como pode. (...) A gente vai tentando salvar os segundinhos – da minha vida, da vida de todos meus amigos e de alguém que lê uma estrofe. E já é bom”. Que podemos entender como uma *poética da atenção aos sentidos das existências mais reais*. Como neste fragmento com o qual concluímos esta breve cartografia dos gestos e movimentos vitais:

Para completar o meu entusiasmo por esse novo território e pela minha liberdade de viver, estou participando de um curso bastante interessante: literatura e clínica. Nele estamos pesquisando alguns de seus inesgotáveis livros, Clarice. Tal experiência se oferece como uma oportunidade de descobertas — novos sentidos para antigos sentimentos. Surpresas surgem, em meio às palavras. A descoberta de um outro mundo que eu não ousara buscar. E, ao longo desse caminho, eu me encontro com você e comigo mesma. Como Água Viva, as reflexões me queimam e desassossegam (Fragmento da Carta 2 - Grupo 5).

São Paulo: As vidas, os processos criativos... para onde vamos com o que nos passa...

Desde 2017 vínhamos (Isabella e Yara) construindo os percursos da pesquisa-formação de doutorado - *Cuidados e Existências: entre mínimos e reais em um CAPS AD* (ALMEIDA, 2021). Nos encontramos pela primeira vez, no momento de seleção dos candidatos. E foi um encontro afetivo inusitado: percursos e relações comuns no cenário acadêmico e formativo. Uma certa alegria e um desejo de composição... de histórias, de experiências e dos seus efeitos no campo da saúde coletiva.

O tema “orientação” e os relatos cordiais, dedicados e também os rancorosos e ressentidos não são raros na universidade, mas as menções eloquentes ao processo de produção do pensamento que resulta do pensar sobre como pensamos nossa relação - de “orientação” - e seu impacto no próprio

processo de produção de conhecimento a respeito de outras relações não há descrições, até aqui desconhecemos.

As orientações, de modo geral, expressam uma formalidade e uma relação institucional poucas vezes explorada como *modus operandi* determinante do processo e produção de uma tese. Aqui nos interessa o processo de pensamento a respeito dessa relação. Não da relação em si. Mas do pensar sobre como pensamos a relação: como a constituímos; depois, como a observamos; e, por fim, descrever o pensar sobre como pensamos o engendrar da relação. A relação como disparadora de pensamento, de várias perspectivas e, entre suas decorrências, a escrita inventiva, criativa. Criativa no sentido de acessar o pensar a respeito do pensamento que gerou a relação para irmos ao âmago dos problemas, das questões, dos dilemas e das desventuras dos processos, ou do que mais interessa da tese.

Certamente essa laboração não foi programada ou prevista ainda que sentíssemos, mutuamente, respeito, admiração e cuidado pelo que acontecia, desde o início. Os resultados: fabricação de vínculo e de corresponsabilidade. Experimentamos diversos modos para muitos encontros, tanto individuais como em coletivos, destacamos aqui os no grupo de estudos e pesquisas - Corpus. Inventamos e sustentamos o *fazer-pesquisa* com doses homeopáticas de escuta, conversa, diletantismos...

Tínhamos as vidas nos perseguindo e perscrutando...

Precisávamos estar à altura das vidas e das almas - principalmente das vidas e das almas dos usuários do CAPS AD [denominados e reconhecidos como seres-pássaros - Assum-Preto (em memória), Quero-Quero, João-de-Barro e Bem-te-Vi], parceiros e coautores das narrativas apresentadas na tese que toparam conosco essa jornada autoetnográfica (ALMEIDA, 2021). Assumimos de antemão o compromisso de lhes garantir o direito de existir em composição com os escritos, os registros, as memórias e as reflexões.

Com o isolamento, esse espaço de encontro, apoio, partilha e decantamento das questões enfrentadas no *fazer-pesquisa*, de composição dos pensares sobre o que nos atravessava nessa fabricação, no tecer a tese nos foi forjado, transformado. Nos deparamos com um certo novo: utilizar os recursos digitais - as janelas do computador, do celular - para compartilhar, elaborar, questionar, ter apoio, respirar, desangustiar, desanuviar... era singular e dual, aquecia, abria arestas, possibilidades.

A relação-orientação foi acontecendo como processo de produção de pensamento, no sentido de permanentemente rever, reavaliar, revisitar as lembranças e memórias e seguir no movimento dos fluxos, das brechas, das arestas... entendemos que esta relação-orientação inventa e se deixa levar

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos? por caminhos que se transformam em percursos de formação que, por sua vez, desencadeiam desafios comuns que transcendem os objetivos previamente definidos de uma ou de outra. Nesse sentido, trazemos aqui o que denominamos de outros desdobramentos da relação-orientação, parte também do fazer uma tese e que não necessariamente estão explicitados nos textos finais ou nas defesas, propriamente ditas.

Mínimos gestos importam nesse processo: desde onde colocar um “ponto final”, ou onde ficam as “reticências”, as “vírgulas” para que seja possível respirar - inspirar e expirar - e produzir silêncios, a fim de buscar forças para seguir... diante das vidas, nossas e daqueles que seguiram conosco na produção desta tese, e conosco continuam para além do ponto final. Encontramos, por fim, a figura deleuziana de “intercessores” que radicalmente expressava esse arranjo inusitado e que nos presentifica na condição de formação mútua e permanente no contexto da academia.

Fabricando modos de existir em tempos pandêmicos

Atribuir uma alma é aumentar uma existência; é a generosidade, da visão, da emoção de ver mais ou com mais intensidade, de ver, em certas realidades, a presença de uma alma. (LAPOUJADE, 2017, p.69).

A produção da tese por mim, Isabella, inicialmente se deu concomitante ao estar como terapeuta ocupacional no serviço-campo - um Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas (CAPS AD), modalidade III, portanto, de funcionamento 24 horas, situado na região norte do município de São Paulo, no bairro Brasilândia. O desejo latente era fazer-ver as inúmeras experiências, os muitos acontecimentos e atravessamentos presentes no cotidiano da produção do cuidado em um serviço da rede de atenção psicossocial, do SUS.

Nos encontros-orientação mapeamos autores, metodologias e modos de fazer a tese que abarcasse essa dimensão das práticas. Havia, no *tempo da experiência*¹⁴, uma multiplicidade de histórias, encontros e memórias (ALMEIDA,2021). Entre as reticências desse processo, apresentou-se o desejo e a necessidade em encerrar o ciclo de trabalho como terapeuta ocupacional, de então oito anos. Compreendemos - orientanda/orientadora - que caberia à tese também esse ponto final, ponto que só seria posto no pós defesa. Escolhemos para o corpo da tese apresentar narrativas e cenas,

¹⁴ Tempo da experiência faz referência ao capítulo que compõe a tese de uma das autoras, no qual é feito o registro dos tempos e de muitas memórias da Isabella-terapeuta ocupacional ao longo dos oito anos em que esteve como trabalhadora de um CAPS AD.

ALMEIDA; FERREIRA; CARVALHO.
construídas no diálogo, nos atendimentos (alguns audiogravados, outros registrados em prontuário), no cuidado produzido com os seres pássaros e com as memórias da Isabella-terapeuta ocupacional.

Cada um dos seres-pássaro tinha um modo de existir e nossa relação também se sustentava em planos de existência distintos que nos permitiam acessar mundos bem diversos. Por vezes suas maneiras os aproximavam dos seres virtuais descritos por Souriau, um tanto inacabados, reivindicando o direito de *(sub) existir*, suscitando gestos meus, a fim de que suas existências pudessem ser maiores e diferentes, reivindicando certa arte (LAPOUJADE, 2017): Cada esforço criador, cada investida é uma proposição de existência à qual o virtual consente ou não, segundo as exigências cambiantes da arquitetura que esboça. (p.40)

Com eles foi possível desdobrar as vozes, compartilhar da experiência de produzir cuidados, fazer-ver e fabricar escritos que convocasse o(a) leitor(a) a também viver as idas e vindas da experiência, no sentido de testemunhar e nos fazer persistir...

Ao longo desse processo de desligamento do serviço-campo (2018-2019), na relação-orientação, pensamos muito sobre a questão de como “de repente” sumir da vida das pessoas, dos seres-pássaros? Como deixar de coexistir com elas? Como romper com o que nos foi confiado? Nesse assunto, nos era perceptível como cada ser-pássaro e tantos outros que encontrei ao longo do *tempo da experiência* havia me permitido estar de modos singulares e distintos, ressoando com o que Lapoujade (2017) nos diz sobre o existir,

(...) existimos pelas coisas que nos sustentam, assim como sustentamos as coisas que existem através de nós, numa edificação ou numa instauração mútua. Só existimos fazendo existir. Ou melhor, só nos tornamos reais se tornarmos mais real aquilo que existe (LAPOUJADE, 2017, p. 99).

Eu (A) e João-de-Barro (JB), por exemplo, já havíamos compartilhado um pouco da narrativa de nosso encontro, da produção de cuidado, antes do meu desligamento do CAPS. Fizemos algumas leituras juntos, comentários e reescritas. Lembro de sua fisionomia lendo atentamente os textos, balançava a cabeça assentindo e dizia: “é bem isso Isabella, é verdade mesmo” (ALMEIDA, 2021). Em nosso último atendimento foi possível registrar a dimensão do nosso encontro e saber nas palavras de João-de-barro, o quão viva havia sido nossa experiência, o quão real se tornava a sua existência..

A – Porque o que a gente tem aqui, João-de-Barro, é uma relação de...

JB – De confiança.

A – De confiança, de afeto, de acreditar no outro, né, de se apoiar também. Então é difícil pensar. Eu acho que talvez a gente, não sei. Assim, eu realmente não sei, estou aqui muito sincera dizendo para o senhor, que eu não sei qual é o jeito de fazer isso,

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos? acho que a gente vai ter que ir fazendo. O tempo passa muito rápido, essa realmente é minha última semana.

(...)

JB – É difícil da gente, daí, por exemplo, conquistar daí, pegar uma confiança numa pessoa, assim, ainda mais eu que sou um cara, aí, que sou meio fechadão mesmo, gosto de falar bem pouco de mim mesmo, mas é difícil daí conversar com uma pessoa que não seja você nos atendimentos, assim, você entendeu?

A – Sim.

JB - Porque até eu começar a pegar o ritmo, pegar a confiança da pessoa, entendeu? A pessoa também saber me compreender, saber ver, ler os meus pensamentos, entendeu? Porque tem pessoas que vêm aqui e acho que não está nem aí, sabe Isabella, eu já sinto que você já dá uma atenção especial para o que a gente conversa, eu sinto que você se interessa, interage mais com os problemas da gente, entendeu? Não é só vim aqui e falar por falar, entendeu? Eu sinto que você se preocupa, de uma certa forma, de ajudar as pessoas. Eu não sei se as outras pessoas fazem da mesma forma, sei lá, de repente a pessoa pode chegar aqui: “olha, seu João-de-Barro, o senhor vai fazer isso aqui, pronto e acabou”, entendeu? É isso que eu falo, entendeu? E eu, por outro lado, não vou ter daí como se abrir com a pessoa se eu não conhecer a pessoa como, do mesmo jeito que eu conheço você. Aí que está o problema. Que nem no grupo mesmo. No grupo, eu gosto de ir ao grupo, por quê? Porque lá eu já peguei uma certa confiança na (terapeuta), que nem antigamente era o (psicólogo), eu tinha uma confiança no (psicólogo), agora entrou esse (refere-se ao outro psicólogo que chegou recentemente), um rapaz também que inspira uma boa confiança, então eu consigo me abrir com eles lá, entendeu? Mas é diferente da gente sentar aqui, em três pessoas e falar assim, você entendeu? Mesmo porque, até mesmo no grupo era difícil de chegar, daí.

A – Sim, foi uma construção, levou um tempo, né.

(ALMEIDA, 2021, p. 100)

Nos espaços de orientação, de decantação dos sentires, tínhamos clareza de antemão o compromisso ético com os seres-pássaros, parceiros e coautores da pesquisa. E entendíamos que era importante tecer alguns combinados, a fim de instaurar outros modos de existir a partir do momento da despedida da Isabella-terapeuta ocupacional do CAPS AD (um ponto e vírgula...). Entre eles, estava a continuidade da construção compartilhada da escrita das narrativas, leituras conjuntas, partilha de ressonâncias, ecos, sugestões e alterações necessárias. Desenhamos e arranjamos encontros-visitas. Fabricamos outros modos de presença... foram dois encontros-visitas com alguns dos seres-pássaros - um, em meados de 2019 e outro, no início de 2020. O CAPS AD e a Unidade de Acolhimento Adulto (UAA) eram pontos de referência para o encontro. Os profissionais-parceiros agenciaram as datas, os horários e os combinados possíveis.

Encontros-ecos, encontros-autorização, encontros-saudades....

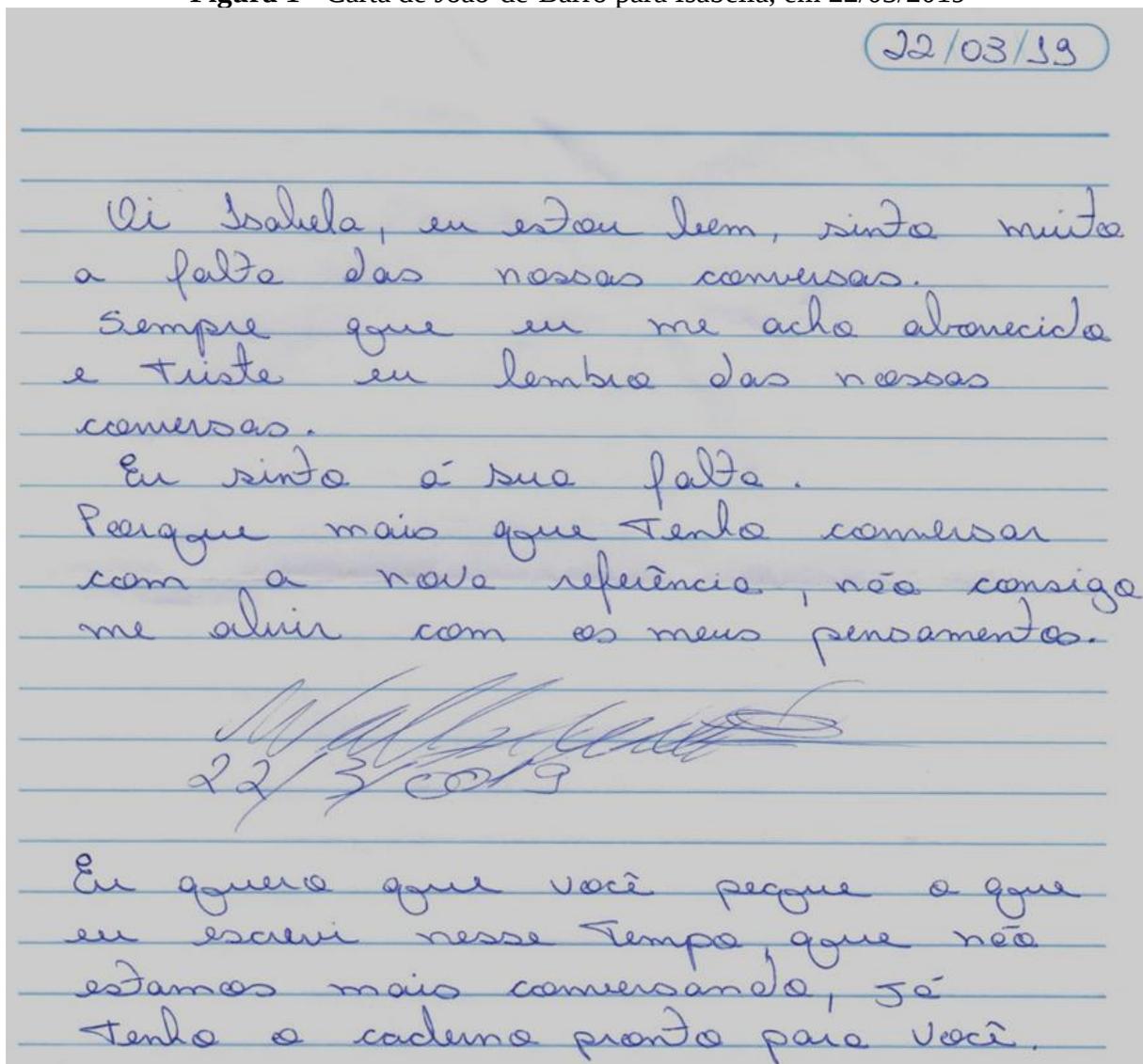
Entre os encontros, eu e João-de-barro tivemos uma experiência bastante inusitada e atemporal. Ele, ao longo do percurso em que partilhamos o cuidado, encontrou na escrita um recurso para cuidar de si. Escrevia em cadernos, fazia murais para colocar para fora seus pensamentos, as críticas, as memórias, os medos e as dores. Assim, quando da minha saída, pudemos lançar mão de cartas como

ALMEIDA; FERREIRA; CARVALHO.

meio para mantermos contato. Na época, tínhamos um “pombo-correio” (o supervisor da unidade de acolhimento onde João-de-Barro residia temporariamente, que também era parceiro no trabalho e da escrita da tese) que intermediou as trocas das correspondências, as breves notícias e os encontros.

Nas cartas trocadas, como a da Figura 1, João-de-Barro remonta o que nos foi tão caro construir: o vínculo, a cumplicidade, a confiança, o tempo juntos, *a convivência, a com-vivência, a partilha do comum, do mundo sensível*¹⁵.

Figura 1 - Carta de João-de-Barro para Isabella, em 22/03/2019



Fonte: ALMEIDA, 2021, p.101

Com as cartas dávamos forma às memórias em nós impressas, às saudades dos encontros-cuidados rotineiros e às nossas existências em rearranjos.

¹⁵ Ressonâncias a partir da leitura do texto em construção realizada por participantes do grupo propositor do dossiê.

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos?

A experiência com João-de-Barro foi bastante singular, com tons de inventividade e inovação para o contexto de onde falávamos. Não era possível reproduzi-la na relação com os outros seres-pássaros. Cada um tinha seu próprio voo, envergadura, tamanho e formato de asas.

Com Bem-te-vi a presença sempre foi imperativa, e era dessa forma que era possível compor, estar, cuidar... Nossos encontros sempre trouxeram em si uma certa dose de inventividade, principalmente quando se tratava da comunicação. De modo geral, Bem-te-vi se comunicava melhor quando estava em um espaço aberto, ao mesmo tempo privado, quando a atenção estava mais direcionada a ele. Ele me convidava a arriscar em voos livres... Ao longo do tempo, construímos alguns modos-meios que favoreciam a acolhida, a escuta – as andanças pelo território, as horas não marcadas; o me acompanhar até o ponto de ônibus ou até o carro e ficar na janela falando de suas questões, receios, no momento do término da minha jornada de trabalho; os sussurros ao pé do ouvido enquanto ele arrumava as flores presentes-ritos na recepção; sentarmos à beira da horta onde não transitavam muitas pessoas; ou na praça próxima ao CAPS (ALMEIDA, 2021). Arranjos que reiteraram a insistente luta pelo direito de existir, de ser visto, ouvido... de ser real, tão mais real pudesse ser sua existência.

Quando eu dizia da tese, do meu desejo em registrar o tanto que havíamos feito juntos ao longo dos oito anos nessa relação de cuidado, que era praticamente o *tempo da experiência*, ficava uma lacuna, ora preenchida com “pode fazer o que você quiser”, num ato de confiança, de me atribuir o papel de advogar por sua vida, por sua história, por sua existência. Ora perdia-se na não compreensão do que eu estava falando, fazendo.

Nos dois encontros-visitas, Bem-te-vi além de me perguntar como eu estava, quis saber se eu havia concluído o trabalho-estudo. Lembro-me em um desses encontros de dizer a ele que eu estava escrevendo sobre a história dele e de imediato ele disse: “não é história não, é vida real”, dando o tom para o que viria a ser a narrativa que construímos... Havia muito real na história-narrativa, memórias, anotações, gravações, fotos...

Em março de 2020 tivemos o início da Pandemia no Brasil, agravamento e aumento de casos, quarentena obrigatória, despedidas... muitas dúvidas sobre o porvir e, especialmente, sobre a dimensão da crise sanitária que se desenhava e seus efeitos na terra e nas vidas de todos os seres... Privação do encontro, das visitas, da presença... O isolamento social, a impossibilidade de sair de casa, o medo, o viver algo até então impensável, inimaginável atravessou as vidas, as existências.

Fazia um ano da saída do serviço-campo. Na relação-orientação e nas muitas horas de escritas, leituras, solitudes... decantava reflexões, cuidados de mim, experienciando as mudanças na rotina, a

ALMEIDA; FERREIRA; CARVALHO.

dedicação exclusiva ao doutorado, a redução da renda, a exaustão do pensar, o cansaço do percorrido até então, a insegurança e responsabilidade tomada para com essas existências, com a minha própria existência.

Como dar continuidade ao que havíamos desenhado, às escritas partilhadas?

João-de-Barro permanecia residindo na Unidade de Acolhimento, devido a Pandemia e suas últimas questões de saúde, o retorno dele para sua casa havia sido adiado. Eu conseguia ter notícias através dos profissionais que lá trabalhavam, mas não conseguia manter a troca de cartas. De quais outros recursos poderíamos nos valer para nos comunicarmos, para que eu pudesse dizer da narrativa dele? Uma ligação...

Conta que está trabalhando no Programa Operação Trabalho (POT), mas que, no momento, o afastaram por ele ser do grupo de risco. Fala que está preocupado com a situação da pandemia, por causa da sua questão cardíaca. Já combinou uma data com as equipes do CAPS e da UA para retornar para a sua casa, que já está praticamente pronta, mas essa data pode ser alterada em razão da situação atual. Fala um pouco sobre a família, diz que tem mais um neto e uma neta, um de cada enteada, e que mantém contato com a ex-companheira. Pergunta-me como estou, como está a minha vida. Conto como têm sido estes tempos para mim, com o trabalho da tese e estando em casa sozinha. Ele diz que ficará me esperando para um café ou almoço em sua casa quando a pandemia passar. Nós nos despedimos e ele encerra a ligação com um “Fica com Deus”. (ALMEIDA, 2021, p. 106).

Um instante, um diálogo breve, pouco usual, mas que acolheu em tempos pandêmicos o afeto, o cuidado, a lembrança, o se importar, o querer bem. E fez ecoar a nossa voz.

Com Bem-te-vi era mais desafiador, ele não tinha uma moradia fixa, tinha o CAPS como importante referência para sua vida. Algumas notícias dele chegavam por intermédio dos colegas que permaneceram no serviço. Com a minha saída do CAPS eu decidi deixar o meu número de telefone com a irmã dele, com quem eu tinha bastante proximidade. Para mim, era importante ter notícias. Tínhamos uma relação de muito afeto e confiança, e era muito cara a mim a defesa de sua vida, de sua existência. Quais captadores, transmissores, detectores de movimento” (LAPOUJADE, p.112, 2017) poderíamos criar a fim de fixarmos a existência de Bem-te-vi? Como prescindir da condição de distanciamento social e isolamento, e sustentarmos a riqueza e complexidade de nossa conexão a fim de nos instaurarmos conjuntamente?

Do inusitado surgiu uma possibilidade que se contrapôs às nossas maquinacões...

Bem-te-vi sofreu uma grave queda e precisou ficar hospitalizado e ser submetido a um procedimento neurocirúrgico. Muitas outras quedas e agressões já tinham acontecido e somavam-se lesões na região da cabeça. A irmã dele fez contato para me comunicar do ocorrido e da gravidade da situação. Um dia ela me ligou do hospital, uma videochamada, e desde então, passamos a

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos? experimentar esse modo de nos vermos e comunicarmos, de trazermos a presença, e de certa forma, rememorar e reviver nossos encontros diários quando eu estava no CAPS. Tinha uma dose de graça, quando ele já na casa da irmã, dizia não saber como ela conseguia me colocar dentro do celular, que ele não sabia mexer nessas coisas. Pedia conselhos, contava dos seus dias, das angústias e do não saber como seguir com a vida. Conseguimos manter por um tempo até ele retomar o consumo de álcool e ter alguns conflitos com o cunhado e precisar sair da casa da irmã.

Foi nesse entremeio que Bem-te-vi fabricou outro modo de mantermos nossa conexão e seu direito de existir. Saiu da casa da irmã com meu telefone anotado em papel, e quando estava no CAPS, usava do direito pactuado há tempos entre os usuários, equipe e gestão, de fazer ligação para familiares e outras necessidades. Um dia recebo uma ligação do CAPS, e em tom de brincadeira diz ter conseguido me encontrar. Rimos. Contou de sua vida, que estava morando em um carro abandonado, falou de suas angústias, dos incômodos, perguntou sobre como seguir. Ligação esta que se repetiu por um tempo, que tornaram real algo que até então ficava nas cenas que se repetiam no cotidiano do CAPS, ele com algum celular em desuso em mão ligando para um amor fictício, ou para seu patrão. Um diálogo, uma ligação que não existia, passou a existir.

Esse arranjo, essas experiências possibilitaram que Bem-te-vi estivesse presente no momento da defesa da tese, entre as várias pessoas-janelas presentes, reconhecendo os que ali passaram a compor o banco das testemunhas.

(...) Testemunhamos sempre a favor da “beleza do mundo”, a favor da sua inteligibilidade e da sua “cosmicidade”, revelando novos seres. É preciso toda uma “arte” para fazer ver aquilo que vimos. Nesse sentido, fazer ver é *convocar uma testemunha*. Todos os homens são testemunhas, em um momento ou outro, de um instante de esplendor ou de verdade, mesmo fugidio.

Mas só se tornam advogados aqueles que decidem testemunhar a favor dessas belezas ou dessas verdades, que compartilham os momentos “prerrogativos” ou os modos de existências cuja realidade eles querem promover. (...) (LAPOUJADE, p.93/94, 2017).

Itinerários do pensar...

Nossos modos de existência acadêmica têm nos colocado em condições limites, as quais nos instigam a pensar sobre o que nos passa considerando que estamos intrinsecamente emaranhados com todas as forças - de todos os corpos. Vivemos tempos que nos exigem outras leituras e referências teórico-conceituais e metodológicas. Os *sinais da rua* nos convocam para compor com outras perspectivas culturais que produzem alargamentos e redes desconcertantes. Esses processos têm nos tornado mais reais e seus efeitos estão nos sentidos que atribuímos ao trabalho acadêmico - científico, criativo - que transforma em realidade as experiências fugazes.

ALMEIDA; FERREIRA; CARVALHO.

O que aparentemente é um enigma transformamos em realidade incontornável. Apostamos na visibilidade dos pequenos movimentos, gestos e existências para reverter as relações indiferentes, distantes e descomprometidas. O desmonte, ou a ausência de políticas públicas que garantem direitos sociais, escancara a qualidade das nossas relações, sobretudo humanas.

Nos interessa “... os corpos que não aguentam mais...” (LAPOUJADE, 2002) o processo civilizatório que os foi calando, padronizando e normatizando com a escassez de pensamento, a velocidade dos fazeres, as condições de fragilidade da vida, e a patologização dos seres, entre tantos atravessamentos. Está nos nossos corpos a experiência da humanidade em nós. O quê atraímos e afrontamos com as nossas presenças... O que produzimos no Outro e o quê o Outro produz em nós com suas presenças.

Nossos escritos, percursos e reflexões, aqui apresentados, reiteram a necessidade de promovermos a co presença das diferenças, de pensarmos uma epistemologia adequada para nos reaproximarmos dos nossos atributos e reconhecermos e praticarmos nossos traços. Precisamos assumir um compromisso com os corpos, no plural e plurais, e com as distintas condições humanas, promovendo o cuidado no contexto local... de maneira historicamente profunda e geograficamente ampla.

Experiências como as que relatamos neste artigo são modos de atenção aos pequenos gestos vitais, às existências mínimas a partir das quais ressonâncias e articulações maiores de enfrentamento e resistência podem se constituir. Sempre em processo, nunca definitivas, mas como possibilidade e potência das pequenas e maiores forças de existir e de afirmar a vida: uma aposta infinita no ato de criação contra as ruínas do mundo.

Instigar o pensar a respeito de como pensamos nos desloca para um outro lugar: o lugar do processo de produção de pensamento a respeito de outro corpo - coisa, objeto, ser. E esse exercício é um ato político considerando que, não raras vezes, nos deparamos com uma formação em saúde que produz “cabeças sem corpos e corpos sem cabeças”. Ressignificar a memória da tradição oral e as monoculturas da mente (SHIVA, 2020) e desnaturalizar e deslegitimar mecanismos de opressão, têm sido nossas estratégias.

Os corpos que povoam os territórios da saúde são muitos... visíveis, invisíveis, orgânicos, geométricos, sociais, geológicos, políticos. Todos os corpos e suas relações, “uma vasta física”. Também os incorporais, “que se produzem na superfície dos corpos, como tantos acontecimentos ou efeitos que nascem da relação ou da mistura entre os corpos, mas deles se distinguem radicalmente” (LAPOUJADE, 2017, p.121).

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos?

Precisamos ir ao encontro das lutas e movimentos em prol dos direitos civis de todos, fundadas por uma ética do amor (de um amor que não é o “romântico”) e da liberdade (não como livre-arbítrio ou força de vontade) (hooks, 2021). Trata-se de uma ética do amor e da liberdade de uma perspectiva descolonizadora a fim de erradicarmos o descaso, a indiferença, o ódio e as atrocidades diante das diferenças e do que nos é estranho.

Precisamos nos reconciliar com as pluralidades dos modos de existir e viver, a fim de partilharmos as dores, as perdas, os sofrimentos. Os isolamentos são recusas do sentir. Estamos afirmando aqui que o pessoal é político. Afirmar e aceitar quem somos e afirmar e aceitar os outros. Diários, cartas e exercícios de pensamento revelam modos de existir aparentemente estranhos e distantes de nós. São dispositivos que nos lembram e mostram nossas proximidades e pontos e projetos comuns com os considerados “suspeitos” e sinalizam os absurdos, as coerções e crueldades seja das instituições, seja de quem as representam. Nesse sentido, nossos combates e críticas estão dirigidas aos governos e controles dos corpos - a toda forma de controle -, e à ciência hegemônica, a favor do “corpo irreduzível” de Artaud (1995).

Os gestos finais...

As experiências aqui relatadas - com a escrita das cartas, o *fazer-pesquisa* - e o pensar sobre o que produzimos a fim de compreender o processo de criação na relação-orientação - se mostraram dispositivos para intensificar e afirmar modos e direitos de existência, em perspectivas múltiplas. Modos de invenção das formas de “fazer existir o que não tem legitimidade, o que ninguém vê nem ouve, em tomar o partido das multiplicidades imperceptíveis” (LAPOUJADE, 2015, p. 275). Instaurações que convocam formas alternativas de legitimação, com base em escolhas que implicam responsabilidades éticas, uma vez que: “O direito em si não consiste mais em legitimar o que existe, mas fazer existir o que não tem legitimidade, o que ninguém vê e nem ouve, em tomar o partido das multiplicidades imperceptíveis” (LAPOUJADE, 2015, p. 276).

As múltiplas invenções possibilitaram dar contornos às microfissuras. Deram movimento a alguns gestos. Produziram instantes com temporalidades mais reais. Criaram contornos para experimentações, improvisos inventivos, que se tornaram presenças nos processos formativos da graduação e da pós-graduação, da pesquisa e das construções inesperadas de conhecimentos a partir do vivido. Possibilitaram gestos de abertura para o potencial de singularização e instauração dos modos de existência que “tem sempre como correlato a afirmação de seu direito de existir” (LAPOUJADE, 2017, p. 103).

ALMEIDA; FERREIRA; CARVALHO.

E, uma vez mais, nestes percursos de criação percebemos que só é possível legitimar processos de formações que consideram e problematizam situações de precarização, das desposseções de direitos e de vida, agravadas na (pós)pandemia para pessoas em situação de maior vulnerabilidade social. Só é possível legitimar processos de formação que considerem as situações das pessoas forçadas a habitar ainda mais as diversas formas de ruínas do mundo. Os gestos vitais experienciados nestes relatos e no próprio processo de criação do que expomos aqui são pequenos apontamentos das grandes potências que se colocam em movimento com a atenção sensível, ética e politicamente referenciada aos modos de existência.

O gesto é um modo. “O modo não é uma existência, mas a maneira de fazer existir um ser em determinado plano” (LAPOUJADE, 2017, p.15). Não se trata, portanto, de um gesto que se expressa de um criador, ele é imanente à própria existência. Revela a forma do existir. E as artes que se inspiram na pluralidade das maneiras de fazer existir um ser, favorecem uma existência ou a torna mais real.

Há especialmente um tipo de gesto que nos interessa aqui, aquele que nos coloca “no registro da brincadeira”, do inusitado, do jogo, da composição, nos deslocando para outro plano da relação. Em um só gesto, somos levados para um lugar em que “o que importa já não é o que se faz”. Trata-se de uma força de passagem que induz uma mudança qualitativa na natureza da situação. Dois indivíduos são arrebatados de uma só vez, mas sem mudar de local, por uma força instantânea de transformação. São absorvidos por uma *transformação-in-loco* que não afeta um sem afetar o outro.

Mas a brincadeira não é apenas condicionada pelo território, é uma operação no território. É uma operação de abstração vivida na qual as funções territoriais são, ao mesmo tempo, ativamente convocadas para um novo efeito e paradoxalmente colocadas em suspenso. (MASSUMI, 2014, p.17)

O que apresentamos neste ensaio como efeito ou resultado de encontros, movimentos, lutas e mínimos gestos, mas também da percepção e do pensar sobre o que nos acontecia é apenas uma dimensão do que observamos e sentimos. Seguimos nos fluxos e nos intervalos e fizemos composições e arranjos entre o perceber, observar e pensar.

Nada inicia, apenas vem, nos passa, nos toma, ou nos arrasta...

Nada termina, apenas segue...

Referências

- ALMEIDA, I.S. Cuidados e Existências: entre mínimos e reais em um CAPS AD. Tese [Doutorado]. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2021.
AGAMBEN, G. La potenza del pensiero. Vicenza, Neri Pozza Editore, 2005.

Como Tornar Mais Real Uma Existência Em Tempos (Pós)Pandêmicos?

- ARTAUD, A. Linguagem e vida. São Paulo, Perspectiva, 1995.
- BONDIA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação. 1º quadrimestre, n.19, 2002, p. 20-29.
- CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Forense Universitária, 2009.
- DELEUZE, G. Conversações. Editora 34. 7ª ed. 1992 p. 151 a 168.
- DELEUZE, G. Crítica e clínica. Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G. O que é o ato de criação? Dois regimes de loucos. Editora 34, 2016.
- SPINOZA, B. Ética. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2007.
- FERREIRA, J. B. Por uma poética da atenção às formas de vida. In: PEREIRA, B. A. Os velhos e a literatura como potência de vida. Queer Livros, 2021.
- FERREIRA, J. B. Clínica do trabalho como ação de resistência ético-política. In: MONTEIRO, J. K.; FREITAS, L. G.; RIBEIRO, C. V. E LEDA, D. B. (Orgs.). Trabalho, precarização e resistências. EDUFMA, 2021b.
- hooks, b. Tudo sobre o amor. São Paulo, Editora Elefante, 2021.
- LAPOUJADE, D. As existências mínimas. São Paulo, n-1, 2017.
- LAPOUJADE, D. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, D.; GADELHA, S. Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo. Rio de Janeiro, Fortaleza: Relume Dumará, SECULTCE, 2002.
- LAPOUJADE, D. Deleuze, os movimentos aberrantes. N-1 Edições, 2015.
- LAPOUJADE, D. As existências mínimas. n-1 Edições, 2017.
- LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rocco, 2017.
- LISPECTOR, C. Todas as crônicas. Rocco, 2018.
- LISPECTOR, C. Água viva. Rocco, 2019.
- MASSUMI, B. O que os animais nos ensinam sobre política. n-1 Edições, 2017.
- REXROTH, K. Disengagement: the art of the beat generation. In Ann Charters (ed). Beat down to your soul. Penguin Books, 2001.
- SHIVA, V. Monoculturas da Mente. São Paulo, Gaia, 2020.
- SILVEIRA, N. Cartas a Spinoza. Francisco Alves, 1995.
- STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, (69), 442-464, 2018.
- TODOROV, T. A literatura em perigo (2a ed., C. Meira, Trad.). Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 09/08/2022
Aprovado em: 18/10/2022